



Categorização e imagens no *Ensaio sobre a cegueira*

Elizabeth Del Nero Sobrinha (UNESP)

RESUMO: O objetivo é comparar a construção dos sentidos atribuídos por críticos e leitores comuns ao livro *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva associada ao contexto, com a fundamentação teórica proporcionada por Fauconnier, Turner, Koch e Marcuschi. Analisamos os sentidos atribuídos por três críticos literários brasileiros para, depois, compará-los com os sentidos propostos por leitores comuns, com escolaridade universitária. Tomamos por base os sentidos atribuídos às imagens fundamentais do texto, a partir das ideias de projeção propostas desde Lakoff e Johnson, envolvendo, quando pertinente, a teoria dos esquemas de imagem também inicialmente proposta por Lakoff e a categorização.

Palavras-chave: José Saramago; linguística cognitiva; categorização; esquemas de imagem

Este artigo resume algumas das principais considerações a respeito da categorização e leitura de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, tema da tese de doutorado, defendida em 2008, sob orientação do prof. Dr. Antônio Suárez Abreu.

O objetivo desta pesquisa é discutir a construção dos sentidos atribuídos por críticos e leitores comuns ao *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva associada ao contexto, em algumas de suas

manifestações. A fundamentação teórica é baseada no conceito de mente literária, de Turner (1987, 1996); na metáfora conceptual de Lakoff, também dele a categorização (1987); Gilles Fauconnier (1997, 2002), Koch (2002(a) e 2002(b), 2001) e Marcuschi (2007 (a), 2007(b)).

Para a composição do corpus da pesquisa, além do próprio livro de Saramago, entrevistamos alunos de graduação de duas universidades paulistanas a respeito dos sentidos atribuídos ao texto; entrevistamos também críticos literários; selecionamos, desses mesmos críticos, resenhas ou críticas cujo tema fosse o Ensaio sobre a cegueira e, com esse material, propusemo-nos a interpretar a categorização de alguns referentes, com vistas a discutir os sentidos do texto.

A densidade dos sentidos, comum em textos de caráter literário, afigura-se como um amplificador das condições de análise, quando não de maior dificuldade de delimitação dos sentidos. Além da própria escolha do livro, considerado ‘difícil’, ‘denso demais’, as entrevistas e os textos críticos selecionados contribuíram para a discussão a respeito dos sentidos de um texto, ao menos quando o objeto de crítica é um texto literário.

A proposta de intervenção nas interpretações de críticos e estudantes partiu do pressuposto de que a imanência de sentidos pode ser observada pela categorização, conforme exposto por Lakoff (1987). O questionamento a respeito da determinação dos sentidos de um texto, assim como a identificação de referentes relacionados à imanência poderiam ser determinantes para a construção dos sentidos finais pelo leitor. Foram essas questões iniciais que se constituíram como motivação para entender o porquê de interpretações aparentemente distintas para um mesmo texto: o Ensaio sobre a cegueira.

Era preciso entrevistar alunos, mas não era o caso de obrigar à leitura e nem seria possível entrevistar somente os estudantes que já tivessem lido o romance. O fator surpresa poderia tornar o ato de ler e a interpretação mais espontâneos. A opção final foi essa e dez trechos do livro compuseram temas: “Cegueira”; “Mal-branco”; “Narrador”; “Incêndio”; “Liberdade guiando o povo”; “Banqueiros”; “Três Graças”; “Cegos da igreja”; “Visão” e “Desfecho”. Os trechos foram escolhidos em função das atividades de leitura conduzidas em sala de aula e do acompanhamento de listas de discussões a respeito da compreensão da narrativa do romance. Para a definição final dos segmentos, cada narrativa anteriormente citada como “tema” foi transcrita e impressa. Acompanhando cada trecho, duas ou três questões solicitando a interpretação da cena narrativa. As questões tiveram como objetivo incentivar a escrita a respeito da interpretação de cada entrevistado. Não houve distinção entre os que tivessem lido integralmente o romance daqueles que liam pela primeira vez os trechos transcritos. A opção deu-se dessa forma, pois a investigação proposta pela pesquisa era pautada pelos sentidos, não pela comprovação de leitura de texto integral.

A consideração de que um texto possui sentidos imanentes, implica entender interpretações distintas para um mesmo texto, notadamente no caso de textos literários. Algumas distinções entre os sentidos atribuídos pelos leitores mostraram-se enfatizadas por contextos distintos. O contexto, entendido como tudo o que está fora da materialidade linguística, por vezes, depende, exclusivamente, para ser interpretado no interior do texto lido, do repertório do leitor.

Alguns fatores podem colaborar na abordagem do contexto: a metáfora e a metonímia são dois dos fatores analisados. Os outros foram cultura e intertextualidade, não contemplados neste artigo por necessidade de síntese.

A elaboração dos sentidos, para Marcuschi: “O sentido é um fenômeno socialmente produzido, condicionado aos processos interativos e fora da interação não há sentido; [...]” (2007, p. 76). O que nos conduz para a relevância que adquire o

enunciatário na produção dos sentidos, pois, sem enunciatário, não há possibilidade de interação. O sentido, sendo social, não pertence ao enunciatário ou ao texto, mas à própria dinâmica de construção dos discursos, o que se dá em circulação social. Há uma relação complexa articulando enunciador, enunciatário e texto, na qual, o que chamamos de contexto é a própria construção do sentido e o texto independe, ao menos parcialmente, de seus significados, sejam aqueles propostos pela própria matéria textual, situando a significação na relação entre enunciatário e texto/contexto, nas interações languageiras, usando de estratégias cognitivas.

O contexto adquire papel decisivo na interação, esclarecendo, retomando e expondo mecanismos cognitivos responsáveis pela assimilação, estabilização e renovação dos sentidos. E, mais uma vez, é em Marcuschi que nos apoiamos, confirmando: “assim, a linguagem não tem uma semântica imanente nem significados prontos de maneira inequívoca. A significação é trabalho social e surge como a descrição semântica de um ato simbólico”. (2007, p. 77).

Para que se tornasse possível discutir a elaboração dos sentidos, a categorização, entendida como processo cognitivo de agrupamento de referentes, definiu a seleção e análise do que seria objeto de estudo para esta pesquisa. Lakoff (1987, p.5-7), abordando Rosh, descreve os três níveis de categorização: o superordenado, o básico e o subordinado. Os níveis superordenado e básico contêm as informações necessárias para a categorização e, em geral, são essas as utilizadas no reconhecimento de categorias. Para a palavra cão, exemplo indicado pelo Autor, a informação está no nível básico e animal está no nível superordenado. Ao especificar um cão de que se tem conhecimento, por exemplo, labrador, o nível subordinado categoriza e depende de experiências individuais, inscritas no repertório. Pode depender também de fatores culturais responsáveis pelo reconhecimento de elementos que pertençam às especificidades culturais de um povo ou comunidade.

Nas análises, reconhecemos a importância do contexto, advindo de experiências individuais em interação para a construção dos sentidos. Os sentidos propostos pelos leitores foram categorizados plenamente e, de forma geral, no nível superordenado. As totalidades foram captadas de forma bastante semelhante e as diferenças se fizeram notar nos níveis básico e subordinado.

Cegueira

Para a identificação da cegueira, uma questão era direcionada: “A cegueira é chamada de mal-branco. O que você acha que esse nome pode significar?”

Marcelo Coelho¹, sociólogo e articulista do jornal Folha de S. Paulo, identifica a cegueira como factual e não há o que interpretar. Não há projeção de sentidos nem o uso de outro tipo de recurso relativo à cognição, caso se pense em cruzar a fronteira do

1.Resposta de Marcelo Coelho à questão: “Não creio que, a esse momento da leitura, haja o que “interpretar”. O relato, na minha opinião, é fático: uma pessoa perde a visão no semáforo.”

literal. Ainda que essa discussão seja objeto de Marcuschi (2007, p.76-98), é possível dizer que a informação relevante foi a de que alguém fica cego, nada além disso, restando à continuidade da leitura, algum outro tipo de projeção, sugerida ou induzida pela pesquisa e pelo próprio método escolhido para as entrevistas.

Algumas das respostas dadas pelos estudantes:

“Pode significar, em primeira instância, um mal que ninguém vê e que, como já dito, chega silenciosamente: sem avisos nem alardes. Outra possível significação para o “mal-branco” é a inexistência de cura e/ou tratamento que sanasse de uma vez por todas a cegueira daqueles que foram por ela atingidos. De qualquer forma, o termo é polivalente e pode, não obstante, representar o “mar de leite” que se deita sobre as vistas dos acometidos, uma vez que todos reclamam da alvura, em vez do esperado negrume, que toma conta do antigo campo de visão.

Outra ponderação que deve ser feita a respeito do nome, é a que considera os aspectos sociológicos das cores. Branco e preto, cores antitéticas, trazem valores bem distintos quando utilizados, sendo, inclusive, motivo para brigas raciais. Com efeito, o preto se associa ao mal, à falta de esperança, ao mistério, às trevas, etc.; já o branco, relaciona-se ao celestial, aos anjos, aos deuses, paisagens paradisíacas e assim por diante. O termo “mal branco” é, por conseguinte, uma doce síntese dos valores de ambas as cores e pondo-as num mesmo patamar.”

Esse estudante, no intuito de interpretar a cegueira, aponta algumas possibilidades. Na primeira, a metalinguagem domina a significação quando associa a cegueira ao modo de contágio: tanto uma quanto o outro não podem ser vistos. Outra associação relevante é quando diz: “representar o “mar de leite” que se deita sobre as vistas dos acometidos”, pois, aqui, a projeção metafórica especializada² é posta a serviço da interpretação. Da conjunção de metáforas básicas como mar de leite e pessoa deitar surgem as projeções de sentidos que transformam a metáfora mar de leite em um ator de um evento, o próprio deitar sobre as vistas, continuidade da projeção de sentidos metafóricos. Nesse caso, o evento cegueira visto como mar de leite é projetado de evento a ator, uma constante na linguagem humana. Podemos observar esse tipo de recorrência em situações cotidianas, tais como: “a chuva me pegou de surpresa”, “o calor está me matando”, “meu carro só pega quando eu mando”... Além dessa projeção de sentidos para a interpretação da cegueira, o leitor acrescenta a associação da metáfora mar de leite à cor da cegueira, já que os cegos reclamavam da brancura e não da escuridão, o que seria o esperado numa cegueira comum. O estudante foi capaz de notar e construir sentidos especializados, de acordo com informações explícitas no texto, mas para outras, construiu seus próprios referenciais. Os aspectos sociológicos de que trata são muito pertinentes e há valores culturais e sociais capazes de refletir o senso comum e os valores de uma comunidade social a respeito dos valores das cores. É o que faz o estudante, apontando a valoração positiva para o branco e a negativa para o preto. Cruza essas informações com a questão racial e o uso de figuras e temas relativos a essas cores. Vai um pouco além ao sintetizar as cores e concluir, de forma bastante particular, o seguinte: “O termo “mal branco” é, por conseguinte, uma doce síntese dos valores de ambas as cores e pondo-as num mesmo patamar.”, antecipando a projeção de sentidos atribuídos por ele à narrativa do Ensaio. Aqui, o adjetivo doce já qualifica sua disposição positiva frente ao universo do romance e projeta os valores de bem e mal

2.Uma metáfora especializada é representada pela conjunção de mais de uma metáfora para a produção do sentido final.

para a solução de conflitos, já que estariam sintetizados, unidos, num mesmo patamar, na narrativa do romance.

Um outro tipo de abordagem é posta em questão quando um estudante retoma um dos mitos da refração das cores:

“A doença é chamada de mal-branco porque no instante em que a pessoa cega tem a vista tomada por uma névoa branca. Além disso, quando todas as cores se misturam chega-se ao branco; e foi o que aconteceu na mente das pessoas: as cores e formas se misturaram e perderam seu valor. Agora, os cegos vivem em um mundo tomado pelo branco, com a expectativa de sempre encontrar algo novo e desconhecido pelo caminho. O julgamento que cada um faz do mundo é mais subjetivo, pois os sentidos que julgavam mudaram. A visão havia formado um critério de avaliação em conjunto, pois todos viam a mesma imagem. No branco, tudo é igual, mas os outros sentidos definirão as particularidades.”

E Goethe afirma o seguinte, mostrando como essa ideia de mistura de cores formando o branco é bastante presente: “Que todas as cores, quando misturadas, produzam o branco é um absurdo semelhante a tantos outros que, contra todas as aparências, são motivos de crença e repetidos há um século.”(1993, p. 102, parágrafo 558).

O branco pode ser formado pela mistura de cores, mas não todas, somente as cores-luz: as primárias azul, verde e vermelho. Também são elas que, se projetadas em igual intensidade, reproduzem a luz branca.

Vale notar a seleção feita pelo estudante quando diz que a vista foi tomada por uma névoa branca e não selecionou dizer mar de leite. O que reforça a ideia de refração e imaterialidade na relação entre cegueira e projeção dos sintomas da doença em névoa branca por cegueira.

E os sentidos continuam quando projeta os sentidos da lei da refração sobre as cores e formas que se misturam, criando uma imagem bastante cinematográfica da situação por que passavam os habitantes, no momento em que ficavam cegos. Além de perderem a forma e a cor, o mundo que era visto, perdia também a funcionalidade e passavam a ser vistos como algo inútil e desprovido de razão. Tudo o que pode ser já conhecido e percebido como novo e desconhecido, reforçado pela percepção visual, mote da interpretação desse estudante, em que os outros sentidos serão os responsáveis pela reconstrução significativa do mundo dos cegos. A visão deixou de existir, tudo passou a ser branco e, importante, perdeu o seu critério de avaliação, dependendo dos outros sentidos para continuar sobrevivendo.

Aqui, a metáfora de “entender é ver” está em situações cotidianas, tais como “Vejo claramente aonde este texto quer chegar”; “Sua exposição é clara”; “Você poderia esclarecer seu ponto de vista?” e, nessa direção, há muitos outros exemplos. São extensões de sentido para uma metáfora que teve como base nosso comportamento ancestral de passar a nomear o que se conhecia (ou se pensava conhecer).

Outro estudante interpretou a cegueira partindo de valores sociais, morais e éticos:

“A cegueira branca representa a escassez de sentimentos nobres, de valores morais e éticos, como por exemplo: respeito, solidariedade, compaixão. Esses sentimentos estão cada vez mais ausentes perante nossa sociedade moderna e capitalista.”

A cegueira representaria a ausência desses valores, o que a caracterizaria como um mal do espírito, da alma e não um mal de ordem física, seria uma espécie de doença social. Uma palavra que consideramos especialmente importante é solidariedade. Não se enxerga sozinho, mas com os olhos do outro, além dos próprios. Para o leitor, a cegueira estaria diretamente relacionada aos valores impostos pelo capitalismo e situa isso na sociedade moderna. Os valores materiais se sobreporiam aos valores morais, éticos e sociais, algo incongruente com olhar junto com o outro, mas olhar sozinho, com vistas ao lucro e benefício próprio, síntese de uma postura individualista e com valores calcados na materialidade.

Outros conhecimentos são acionados nesta interpretação em que o aluno toma a cegueira como uma enfermidade, o que induz à ideia de doença física, mais material do que uma doença social, tal como no caso anterior. A continuidade da interpretação reflete sobre outro princípio da cromaticidade, exposto por Goethe: “O claro-escuro faz o corpo aparecer como corpo, uma vez que luz e sombra indicam sua opacidade.” (1993, p. 142, parágrafo 852) em que a iluminação cheia, absoluta, é capaz de cegar, apagar contornos, formas, cores, dissolvendo o visível na percepção visual, tornando o indivíduo um cego que vendo, não é capaz de ver.

“O nome “mal-branco” descreve bem a doença. Primeiro a palavra “mal” pois é uma enfermidade, algo que causa resultados negativos. A palavra “branco” remete à ideia de luz, claridade excessiva que ofusca a visão, cega.”³

Este estudante, ao associar o branco à luminosidade do ambiente urbano, projeta sentidos pouco usuais e de baixa recorrência, já que foi o único a estabelecer tal tipo de associação:

“O simples fato das pessoas enxergarem tudo branco. Acho que o mal é branco pois estamos acostumados à viver num mundo com muita luminosidade, seja das luzes da TV, da rua, dos computadores, enfim, a humanidade não vive sem a luz.”

Parte de uma observação que julga simples ao escrever que a cegueira seria o simples fato de as pessoas enxergarem tudo branco, para, em seguida, esclarecer o que seria o branco: seria a luminosidade das cidades, dos ambientes internos e externos das cidades, muita exposição à luz é capaz de fazer com que as pessoas passem a enxergar menos, comecem a perder os detalhes do ambiente que as rodeia e, com isso, sintam-se impossibilitadas de viver sem a luz. Projeta sentidos que relevam a vida de cada dia, em que a exposição a muitos estímulos visuais e a cegueira do romance seria justamente a projeção dessa vida para a narrativa, sob a forma de cegueira coletiva, o descontrole emocional de uma sociedade que se vê sem razão, sem a possibilidade de se organizar a partir da falta da visão.

3. Conforme original e, assim, todas as respostas dos entrevistados.

Além desse leitor, um dos críticos aponta interpretação no mesmo sentido:

“[...]esses cegos de uma cegueira branca e luminosa, associável talvez ao excesso - de luz, de sinais, de informações, de fragmentos, de estímulos, de velocidade sem repouso - são arrastados para a exclusão,[...]”(Bueno, 1999)

No próximo segmento, entrevista de estudante, a cegueira é posta como uma doença física, talvez uma leitura menos autorizada, mas possível, já que produzida. Provavelmente uma referência à opacificação do cristalino, a catarata. De qualquer forma e independente de ser uma interpretação autorizada ou não, passa pelo crivo da projeção metafórica, pois a cegueira chamada de mal-branco é tratada por denominação popular, uma variação popular para um nome científico, descrevendo o seu principal sintoma: a capa branca no meio do olho, em que se projetam os sentidos da narrativa, pelo trecho lido, para uma doença, certamente conhecida do leitor estudante.

“O mal-branco seria a denominação popular para a cegueira porque os olhos de um cego perdem a cor. Fica uma capa branca no meio do olho. (Geralmente é isso que ocorre, mas não em todos os cegos).”

Para o leitor seguinte, a experiência em Física é retomada sob a forma de um exercício em que um caleidoscópio é usado para mostrar o que seria a formação do branco na retina: um engano provocado não pela iluminação em excesso, mas pela mistura das cores e a incapacidade de a visão captar, distintamente, cada uma delas em movimento. É a cegueira causada pela incapacidade física da visão em perceber detalhes, minúcias, pois não consegue acompanhar a velocidade dos movimentos do que é capaz de acompanhar com a percepção visual.

“Mal-branco, branco a mãe de todas as cores, num exercício de física, temos um disco, o caleidoscópio que contém as sete cores, quando girado velozmente as cores misturam-se e refletem apenas o branco, as cores estão lá, mas a velocidade engana os olhos e torna tudo branco, ausência de cor. Para nomear a doença pode existir uma associação física, os olhos estão lá, mas já não são mais capazes de reconhecer e separar as cores, as imagens, tornando-se brancos, cegos.”

Outra projeção significativa no repertório do leitor é chamar o branco de a mãe de todas as cores, pois a experiência com prismas fazia parte das provas que julgavam as cores, em espectro, como formadoras da cor branca.

“O mal-branco” seria uma analogia aos humanos, que as vezes ficam cegos psicologicamente, como aqueles que só vêem o que desejam enxergar.”

Saramago abre sua narrativa do Ensaio com a seguinte epígrafe, foco de algumas inferências: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (Saramago, 1995). Algo retirado de um suposto livro de conselhos. A Bíblia (N.T. Atos dos Apóstolos, 28:21-28 e Evangelho segundo São Mateus, 13:10-17) é uma fonte de referência cultural para o ato de ver:

Atos dos Apóstolos:

“26 ‘Vá ter com esse povo e diga-lhe: vocês vão escutar bem, mas não compreenderão; vocês vão olhar bem, mas não verão. 27 O coração desse povo está embotado; ouviram mal com os ouvidos e taparam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, nem se convertam e eu não os cure!». (grifo nosso)

Evangelho segundo São Mateus:

14 Desse modo se cumpre para eles a profecia de Isaías: ‘É certo que vocês ouvirão, porém nada compreenderão. É certo que vocês enxergarão, porém nada verão.» (grifo nosso)

A associação ao contexto bíblico é recorrente em obras de José Saramago, seja pela temática de obras ou pela associação intertextual. Salma Ferraz (2003) contextualiza a presença bíblica em *Terra do Pecado* (1947), *Memorial do Convento* (1982), *História do cerco de Lisboa* (1989) e *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de forma a comprovar a presença da cultura cristã na formação e projeto literário de Saramago. Apesar de se dizer ateu, Saramago fez uso constante de referências religiosas, o que não é, em si, um paradoxo, mas a mostra de seu profundo conhecimento dos valores e cenários pregados e descritos nos textos bíblicos. Assim, fica, de certa forma, autorizada a associação entre os trechos bíblicos selecionados e a epígrafe ‘inventada’ por Saramago. Torna-se pertinente a associação, pois outros elementos também podem ser indicados: a ‘cura’ relatada pelos apóstolos seria a conversão, o entendimento e fé nos valores cristãos. Para Saramago, a ‘cura’ estaria relacionada à volta da visão, permitindo tanto a projeção de sentido para uma cegueira física quanto para a cegueira ‘psicológica’, a do espírito e da razão.

O estudante inclui uma informação de caráter linguístico ao associar mal-branco a humanos com o conceito de analogia, em que a cegueira seria também uma espécie de doença, um mal físico de expressão psicológica, fazendo com que as pessoas selecionem as informações que desejam ver, as de seu interesse, o que se contrapõe aos princípios do viver em sociedade, do dividir, da ética que se constrói na presença do outro.

Novamente, um elemento linguístico é incluído na reflexão por um leitor estudante: eufemismo. Interessante notar a valoração cultural atribuída à morte, valor tipicamente ocidental: as doenças mais graves, as que levariam à morte, seriam suavizadas na narrativa pela presença do eufemismo para a cegueira. O fato de os personagens ficarem somente cegos, sem outras enfermidades, seria melhor do que morrer.

A interpretação do leitor continua numa sucessão de valores positivos. A cultura e o valor positivo da cor branca, como paz, por exemplo, constroem um eixo de interpretação e tem continuidade com o que chama de negação da realidade e, mesmo os que ficavam cegos, aproveitavam a oportunidade de se transformarem: a cegueira permitiria a percepção de outras realidades, de novos valores. A série de projeções metafóricas delimita um eixo de valoração positiva para a narrativa em que a parábola serviria para o leitor rever os valores de uma sociedade em que as pessoas julgam poder

ver, mas, em verdade, estariam cegas, e a verdade seria dolorosa demais, ou iluminada demais:

“A cor branca, além de simbolizar a paz, acaba por remeter a outras qualidades com carga positiva. No contexto dos trechos apresentados, o termo “mal-branco” pode funcionar como um certo tipo de eufemismo, diferenciando essa doença de outras de natureza mais grave, como aquelas que podem levar à morte. Da mesma forma, se interpretarmos a cegueira como um processo de negação da realidade, esse termo pode estar vinculado as conseqüências psicológicas da doença, que podem ser consideradas positivas, uma vez que os acometidos por esse mal são aqueles que tem a oportunidade de perceber que existem outros tipos de realidade, que a reflexão e o desenvolvimento do olhar crítico podem fazer enxergar.”

Outra possibilidade de interpretação para a expressão “mal-branco” é a associação a um mal menor, menos prejudicial. Esse tipo de significação se constrói pela antítese de base cultural em que se atribui o negativo ao mal e o positivo ao branco. Seria, como bem expressa uma estudante:

“Chamar a cegueira de mal-branco pode significar que é uma doença, mas que ela não traria transtornos à sociedade. O “mal-branco” significa uma doença não contagiosa, que não leva o paciente a óbito.”

Uma crítica da obra de Saramago, a professora Dra. Lucília, nos dá a seguinte interpretação para a cegueira, também respondendo à questão 1:

“Trata-se de uma cegueira com efeito de surpresa imensa, algo da ordem dos imponderáveis que desautoriza o personagem a produzir uma explicação racional e unívoca sobre ela. Um enigma repentino posto a ser visto justamente pelo tanto que esconde da possibilidade de ver: cegueira incompreensível pelo absurdo que instala, mas que como todo furo reclama linguagem para se fazer menos penoso. Daí a necessidade da repetição da cantilena “estou cego” que, como toda palavra, passa a estabelecer as novas bases da realidade, passa a tecer relações outras com o mundo. O mesmo pode ser dito em relação à explicação da mulher. O fato de existir cegueira instala a urgência de se falar sobre ela.”

A cegueira é entendida como algo inexplicável e as palavras tornam a experiência um tanto mais suportável. A existência repentina de uma nova condição para as pessoas faz com que a expressão verbal adquira outro status, o de reconhecer a cegueira.

“O romance todo se ressentido do peso alegórico com que foi carregado. Estamos diante de uma alegoria excessivamente fácil: cegueira/barbárie/condição humana. Não é preciso muita inteligência para dizer: ah, sim, os cegos de que trata Saramago somos nós

mesmos, num mundo brutalizado e injusto, é grande a responsabilidade dos que têm olhos quando os outros os perderam. O que, diga-se de passagem, dá ao leitor uma posição reconfortante, a de compartilhar com o autor essa suposta lucidez crítica. Se bem que se possa chamar de cegueira o que cada um bem entender.”(Coelho, 1996).

Marcelo Coelho, em sua crítica, explica a cegueira a partir do parâmetro da projeção para a vida humana, em que a cegueira levaria o homem à barbárie e, ao final, ressalta: “Se bem que se possa chamar de cegueira o que cada um bem entender.”, admitindo, assim, outras projeções para a narrativa.

O próprio Saramago explica como teve a ideia de escrever Ensaio:

“A verdade é que a idéia nasceu num restaurante de Lisboa. Eu estava a almoçar sozinho, à espera do meu pedido, nesse momento em que se pensa em tudo e em nada. De repente, pergunto-me: e se fôssemos todos cegos? Assim, sem mais. Como seríamos? Isso já vai dando algumas pistas, a catástrofe, a peste, algo parecido com o cine-catástrofe que se faz hoje em dia, um grande terremoto. Depois você pensa, fica a pensar e a idéia original transforma-se em algo que vai muito além da própria cegueira, como a cegueira da razão, e não simplesmente a física.”(Arias, 2004, p.55)

E a professora Dra. Lucília confirma tal interpretação:

Talvez porque enxergar no sentido físico, não seja garantia de ver, de entender e compreender, isto é, de poder interpretar. Esse romance materializa essa tensa polaridade o tempo todo, marcando como a visão e a cegueira têm relação com o poder, poder-ver pra compreender os sentidos que circulam e também aqueles que estão velados e vendados para o sujeito.

Foram vários os exemplos para a interpretação do que representaria a cegueira no romance de Saramago, assim como para a expressão ‘mal-branco’ e algumas observações merecem destaque.

As cores, ausência e presença da luz, sombras e leis da física, experimentos e conhecimentos adquiridos foram retomados em algumas das interpretações, com um certo destaque e predominância.

Aspectos culturais e sociológicos das cores também estão presentes e reiteram as significações já estabilizadas para o branco e o preto, assim como a carga positiva de um e outro.

Outras indicações estão no campo da anatomia humana e requerem conhecimentos advindos da biologia e medicina, a fim de que possamos explicar a catarata ou um mal físico, por exemplo.

A metalinguagem também foi o mote de algumas inferências, pressupondo conhecimentos linguísticos e suas respectivas aplicações.

A presença da metáfora do conhecimento para luz e ignorância para o preto também está presente, ainda que não explicitada formalmente. A inversão foi notada e vários entrevistados incluíram a ideia de que a cegueira, apesar de branca, era a falta de razão, falta de conhecimento, associando, paradoxalmente, a cegueira ao branco.

Em todas as interpretações há alguma projeção dos sentidos, em que prevalece uma orientação para cada leitor. Um leitor apontou algo diverso: “Eu interpretaria como os olhos da pessoa virados para trás, quando fica aparente apenas a parte branca do olho.” Parece-nos mais a materialização da cegueira branca na esclerótica, a parte

branca e visível do olho. Houve uma transformação do sentido da cegueira em algo literal e, aparentemente, pouco apropriado.

Há distinções para a construção das leituras e são, principalmente, de caráter informativo, refletido nos processos de categorização. Cada leitor, usando de seu conhecimento prévio, perfaz um caminho mediador do sentido, apropriando-se dessas informações e relacionando-as à narrativa.

Os três níveis, o subordinado, o básico e o superordenado relacionam-se na construção dos sentidos. O leitor projeta suas experiências individuais em categorias abrangentes da natureza do que quer refletir em sua interpretação para, por fim, construí-la em uma sequência razoável de frames e esquemas.

E qual a importância disso tudo? A leitura pode se beneficiar dos mecanismos de projeção. Há, sem dúvida, maior autonomia na construção da argumentação entre os leitores que determinaram suas projeções para a leitura do romance. Essa autonomia se expressa sob a forma de seleção de frames e esquemas, categorizados em uma ordem geral, no nível superordenado, e especificados, discretizados pelas experiências e conhecimentos individualizantes, estáveis, presentes no nível subordinado. No nível básico, há a conjunção entre as totalidades do nível superordenado e as especificidades do nível subordinado que, juntas, compõem a leitura.

As projeções, tanto dos esquemas de imagem quanto das metáforas e metonímias, são preparadas a partir do nível supordenado, em categorias que se permitem projetar, por semelhanças definidas pelo leitor, associadas ao seu conhecimento de mundo – nível subordinado – e postas sob a forma de argumentos de leitura no nível básico. A autonomia da leitura e os mecanismos de projeção mostram-se associados nas possibilidades de categorização que podem ser assumidas para se confirmar esta ou aquela leitura. Importa mais o papel do leitor e seu aproveitamento dos mecanismos de projeção, a fim de construir uma leitura autônoma e capaz de exprimir mais de suas experiências individuais, possibilidade permitida pela própria leitura, argumento daquele que lê.

ABSTRACT: The aim is to compare the construction of meanings assigned by critics and common readers to the book *Ensaio sobre a Cegueira* written by Saramago, under the perspective of Cognitive Linguistics associated to the context, with the theoretical base provided by Fauconnier, Turner, Koch, and Marcuschi. We analyze the meaning assigned to three Brazilian literary critics, after comparing them with the meanings proposed by common readers who have university level. We considered the meanings assigned to fundamental images of the text, from the ideas projection proposals from Lakoff and Johnson as a base, evolving, when necessary, the image schemes theory which was also initially proposed by Lakoff and categorization.

Keywords: José Saramago; cognitive linguistics; categorization; image schemes

Referências

BUENO, A. L. L. O inominável existe - uma análise do Ensaio sobre a cegueira. In: 60. Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, 1999, Rio de Janeiro. *Anais do 60. Congresso da Associação de Lusitanistas*, 1999.

CROFT, W.; CRUSE A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge : Cambridge University Press, 2004.

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge : Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way we think - Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

GOETHE, J. W. Von (1749-1832). *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002(a).

KOCK, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4 ed., São Paulo: Contexto, 2001.

KOCK. I. G. V. *Texto e Contexto*. São Paulo: Cortez, 2002(b).

LAKOFF, G. *Woman, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M.. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: Chicago University Press, 1989.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007(a).

MARCUSCHI, L. A. *Fenômenos da Linguagem – reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007(b).

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TURNER, M. *The Literary Mind – the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M. *Death is the mother of beauty: mind, metaphor, criticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Documentos Eletrônicos Disponíveis na Internet

COELHO, Marcelo. “Fábula Assustadora”. Publicado em 30/06/1996, pela Revista Teoria e Debate, Fundação Perseu Abramo.

ww2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2226

Acesso em 22/10/2006, às 13h52.

ROMÃO, Lucília Maria de Sousa. “A cegueira de tanto ver”

http://www.gazetaderibeirao.com.br/conteudo/mostra_noticia.asp?noticia=1501645&area=92010&authen_t=6000CFAF913663EABAF70432BCD9D2

Último acesso em 20/02/2008, às 20h02.

RECEBIDO EM 10/04/2011 — APROVADO EM 11/09/2011